

Introdução

A sociedade moderna, tal como podemos observar hoje, transforma-se constantemente e possui necessidades que, há algum tempo, não possuía. Dentre essas necessidades, estão o estudo e o aperfeiçoamento permanentes de seus profissionais. O que se percebe é que a educação presencial hoje já não consegue mais atender à demanda de formação e atualização profissional da sociedade em que vivemos.

Para que essa demanda possa ser atendida, o contexto educacional deveria utilizar todos os instrumentos possíveis, inclusive os tecnológicos, para sua otimização, criar mais oportunidades de aprendizagem, valendo-se do desenvolvimento vertiginoso da tecnologia nas últimas décadas.

Na verdade, após a informatização da sociedade, as mudanças nos meios de produção apontaram a necessidade de se investir em novas práticas letradas. Sendo assim, as exigências de formação profissional aumentaram e o tempo disponível para atender a essas exigências diminuiu.

Felizmente, a evolução tecnológica vem possibilitando novas alternativas na área de formação profissional. O ensino a distância – EAD – via internet é uma delas (BASTOS, 2001; BRAGA, 2004; CARBONELL, 2002; MOORE; KEARSLEY, 1996; SILVA, 2000). Em alguns contextos dessa modalidade de ensino-aprendizagem, o professor apresenta-se como um mentor, em um exercício de comunicação bidirecional mediado pela tecnologia.

Um número cada vez maior de pessoas vem aderindo ao EAD como opção para adquirir uma profissão, uma especialização, tendo em vista que os alunos de EAD têm a vantagem de poderem escolher onde e quando querem estudar, sem limites de distância e de tempo. Morar longe de universidades conceituadas e não ter horário certo para estudar deixaram de ser problemas com a prática do EAD. Além disso, o custo também é um grande atrativo – o preço de um curso a distância é menor que o preço de um curso presencial, uma vez que a instituição não tem de arcar com uma série de custos, como sala de aula física, e os alunos também não têm dispêndios de deslocamento.

Em “Universidade em domicílio”, reportagem da revista “Época”, de junho de 2005, afirma-se que é cada vez maior o número de brasileiros que optam por cursos de graduação e pós-graduação “on-line”. Sem dúvida, essa é a tendência do sistema contemporâneo de ensino. A reportagem afirma que, no ano de 2004, cerca de 160 mil estudantes brasileiros fizeram algum curso de graduação ou pós-graduação a distância, além dos cursos que não são cadastrados pelo MEC. Esse número cresce vertiginosamente se comparado à quantidade de estudantes virtuais de 2000, que era de 1.758. Ainda segundo a matéria, o governo pretende investir em EAD para, até 2015, igualar o número de graduados pelo ensino a distância ao número de graduados pelo ensino presencial.

Considerando as crescentes necessidades de especialização na formação inicial e de contínua requalificação profissional da sociedade atual, novos paradigmas educacionais se consolidaram por meio dos programas de ensino a distância. No entanto, a aprendizagem “on-line” por si só não garante oportunidades de aprendizagem nem interacionismo ou práticas de linguagem que proporcionem a construção do sentido. Atualmente, muitas das soluções de EAD, anunciadas como novidade, tendem a reproduzir, em grande parte, o modelo tradicional de ensino-aprendizagem ou até mesmo a piorá-lo (SALIÉS, 2005). Na verdade, o que precisamos é definir que tipos de práticas de linguagem queremos que os alunos de EAD utilizem no processo de aprendizagem. Essas práticas incluem a construção colaborativa de textos por meio de gêneros textuais digitais, multimodais e intertextuais, a reflexão e a crítica, e a interdisciplinaridade (SALIÉS, 2005). Se o EAD não for planejado e consistentemente conduzido seguindo tais práticas, pode tornar-se uma aprendizagem solitária, mecânica, superficial e pouco produtiva para a construção do conhecimento (MARTINS, 2003; JOBIM; SOUZA, 2000; MARCUSCHI, 2005).

Fazendo um paralelo com os primórdios da prática de ensino a distância, quando a modalidade de ensino/aprendizagem se baseava no envio de apostilas via correio, nos dias de hoje, o EAD, por vezes, tem sido entendido, erradamente, como o oferecimento de material de aulas presenciais via internet. Contudo, EAD é muito mais que isso.

Para ilustrar o termo “erradamente” utilizado acima, farei uso de minha experiência como aluna de EAD e citarei duas situações pelas quais passei. Ambos os exemplos são de cursos a distância oferecidos hoje no “mercado”.

Primeiro tratarei de um curso sobre novas tecnologias na prática docente oferecido por um reconhecido instituto no campo da educação a distância. A instituição disponibiliza, em seu “site”, o conteúdo do curso. Esse conteúdo é apresentado por meio de um texto linear, único, sem subdivisões ou subtítulos por assunto, sem textos de apoio ou complementares, sem atividades ou exercícios, sem qualquer tipo de diálogo entre os alunos e sem qualquer tipo de prática sociointeracional. Por fim, o texto também não parecia ter recebido qualquer tratamento lingüístico em termos de adequação de linguagem e de revisão gramatical. Esse dado fez com que eu, enquanto aluna, não atribuísse credibilidade ao conteúdo apresentado. Esse é o contexto de realização de nosso primeiro exemplo.

O “site” possui um “mural” virtual – uma ótima estratégia para fazer com que os alunos se sintam em uma escola, em um “campus” –, onde seriam marcadas as reuniões virtuais e talvez as outras tarefas. No entanto, visitei o mural várias vezes e nunca vi o agendamento de tais reuniões, fato que retirou a possibilidade de interagirmos horizontalmente, entre nós, alunos – não sei se havia outros alunos no mesmo curso –, e com o professor.

A realização de um curso “on-line” e, principalmente, de reuniões virtuais pressupõe a necessidade da existência de um mediador, de um professor (TAVARES, 2005). Contudo, também faltou essa importante figura para garantir a motivação dos alunos. Segundo Tavares (2005), vários autores – como Berge e Collins (2000), Collison et al. (2000), Anderson e Kanuka (1997), Teles et al. (2000) e Winograd (2001) – defendem a presença do moderador como fundamental para que o ambiente “on-line” estimule os alunos a participarem ativamente das discussões, a se sentirem inseridos em uma comunidade e a aprenderem colaborativamente.

Algo que também parece ter ficado esquecido neste curso foi o conceito de turma, de grupo. Eu não me sentia inserida em uma turma, nem em um pequeno grupo que constituísse uma comunidade de prática (LAVE e WENGER, 1994 MARTINS, 2003; GARRISON; ANDERSON e ARCHER, 2000 apud MARTINS, 2003). Na verdade, tinha a sensação de ser a única aluna a estar fazendo aquele curso naquele momento – embora pudesse não o ser –, pois o nível de interação proporcionado pelo material e pelas ferramentas do “site” me projetava essa impressão. Com isso, o conceito de espaço de aprendizagem como

um espaço social e, portanto, eminentemente interacional também não foi aproveitado. A sala de aula virtual, em um contexto de ensino a distância, deve ser um espaço para avaliações críticas, para interações com os textos produzidos, levando-se sempre em consideração as “características interacionais, colaborativas e processuais” que a tecnologia nos oferece (SALIÉS, 2005).

Pode parecer estranho se falar em turma ou em interação quando o assunto é EAD, mas, principalmente nesse caso, a turma se torna mais importante do que podemos imaginar em uma breve reflexão. Os alunos, que estão sozinhos em suas casas ou em seus locais de trabalho, no momento de estudar, confortam-se em saber que há outras pessoas realizando as mesmas tarefas e que podem interagir com esses colegas, trocando informações, contando e apreendendo experiências, angústias, construindo conhecimento e se sentindo parte de uma **comunidade de prática**, uma entidade social caracterizada pelos participantes e pelas práticas de troca destes dentro da comunidade (LAVE e WENGER, 1994 apud MARTINS, 2003).

Dessa forma, eu me sentia sozinha em um ambiente estranho, sem ter com quem interagir – nem um professor, nem um colega. Por fim, se não havia com quem interagir, não havia necessidade de um ambiente próprio para interação. Esse era o caso do curso aqui exposto.

O segundo exemplo do que se vê no “mercado” de EAD via internet vem de minha experiência com um curso introdutório a ensino a distância. O curso, ao contrário do primeiro, tinha um calendário a ser cumprido e realmente o era. A primeira tarefa consistia na apresentação individual de cada aluno aos colegas de turma e ao professor. Essas apresentações foram feitas e, com elas, pude perceber a diversidade na formação das pessoas que se interessam por EAD hoje, tornando essa modalidade de ensino realmente interdisciplinar. Entretanto, não havia um espaço virtual próprio para esta e para as outras interações. Todas as mensagens eram enviadas por “e-mail” e, conseqüentemente, eram postadas nas caixas de mensagens dos demais colegas. As mensagens da turma, razoavelmente grande – com, mais ou menos, 50 integrantes –, por si só, já lotavam a caixa de mensagens dos alunos. O mesmo procedimento ocorreu durante todo o curso, uma vez que as outras tarefas tinham a mesma dinâmica – mensagens enviadas como “e-mails”.

Para a realização das atividades, os alunos deviam ler e comentar os textos anexados ao “site” do curso. Ou seja, a cada texto lido, eram postadas, pelo menos, 50 mensagens na caixa de “e-mails” de cada aluno da turma.

Como consequência dessa dinâmica, os alunos postavam seus comentários sem ler, com atenção, os comentários anteriores dos colegas. Não havia tempo para isso – afinal, uma das características das pessoas que estudam a distância é a falta de tempo. Se a turma estivesse dividida em grupos, cada aluno poderia interagir com seus colegas de grupo, e não com dezenas de alunos. Se houvesse um espaço próprio para essa interação virtual, as caixas de “e-mails” não ficariam sobrecarregadas e os assuntos poderiam ser divididos por tópicos, por exemplo.

Contudo, o que se traduziu como fato mais marcante em minha experiência com este curso foi a última mensagem que o professor enviou à turma. O professor declarou, na mensagem de encerramento do curso – que parecia ser padrão para todas as turmas –, que “filtrava” os comentários dos alunos que “participavam demais” em um mesmo dia e, além disso, editava os comentários dos alunos que “escreviam demais” ou “não escreviam de forma clara”. No primeiro caso, as mensagens eram reduzidas em tamanho e, no segundo, trechos eram reescritos pelo professor. Obviamente, esse fato gerou uma grande revolta na turma, que teve seus textos adulterados, e, por consequência, um sentimento de que o que escrevíamos não era importante ou relevante.

Se o que buscamos é promover a interacionalidade, a construção conjunta de conhecimento e de comunidades de prática guiadas por práticas de linguagem sociointeracionalmente ancoradas, espaços virtuais dessa natureza deveriam promover e incentivar a expressão, assim como promover a discussão entre os participantes sobre aspectos relacionados à clareza, à organização lógica de idéias ou a outros aspectos textuais que caracterizam a competência comunicativa (HYMES, 1972) e promovem, igualmente, letramento, processo que ultrapassa os limites da leitura e da escrita enquanto atos sociais e abrange a questão da formação de cidadãos críticos (FREIRE, 2003). Segundo Kleiman (apud MARTINS, 2003), letramento é “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder”.

Ambos os exemplos ilustram uma forma de se fazer ensino a distância que coloca a construção do sentido no texto, e não na interação. Nossa proposta, ao contrário, é centrar na interação; planejar e elaborar um curso de produção de texto a distância que privilegie a interação, o dialogismo e outras práticas de linguagem sociointeracionalmente ancoradas.

Tendo em vista esse objetivo, neste trabalho, será apresentado um breve histórico do ensino a distância – tratado, por vezes, como EAD (CAMPOS, 2000; 2001; GONÇALVES, 1996; MOORE; KEARSEY, 1996), modalidade de ensino-aprendizagem que mais se desenvolve no momento, bem como sua concepção e suas características na atualidade. Para fazê-lo, realizamos uma revisão crítica da literatura em EAD (ABREU, 2005; BASTOS, 2001; CAMPOS, 2000; 2001; GONÇALVES, 1996; MOORE; KEARSEY, 1996; SILVA, 2000) e em produção de texto (BAKHTIN, 1992; KOCH, 2003; MARCUSCHI, 2005), que se encontra nos capítulos 2 e 3 deste trabalho.

Desenvolveremos também uma proposta de curso a distância, via internet, na área de produção de texto em língua materna. Nosso embasamento teórico vem do Sociointeracionismo (VYGOTSKY, 1984; BAKHTIN, 1981, 1992) –, que considera o ser humano o resultado das oportunidades de interação com o meio em que vive, ou seja, o resultado do convívio com o outro, e que a produção do texto só pode-se dar por meio da interação entre os participantes. Trata-se, portanto, de um estudo na área da Linguística Aplicada. Consideraremos que as atividades interativas podem-se dar entre alunos ou entre alunos e professor – com o uso dos gêneros textuais digitais disponíveis para construção e reconstrução de conhecimento. Além disso, também consideraremos a interação entre alunos e conteúdo, que se fará por meio da hipertextualidade – o uso de “links” para outros textos – e da hipermodalidade – o uso combinado de diferentes tipos de textos verbais e não verbais –, que facilitam a aprendizagem, uma vez que uma das principais características do EAD é a diversidade discente, ou seja, os alunos são muito diferentes e, por isso, aprendem de formas diferentes, têm realidades cognitivas próprias e vivências particulares.

Norteando este estudo para o caminho da construção do conhecimento por meio de um curso a distância, vamos procurar entender o perfil do público-alvo ao qual se destina o curso – coletando dados de campo apresentados no capítulo 5 –, condição fundamental para a criação de um projeto de EAD (SILVA,

2001), suas necessidades quando o assunto é produção de texto e as características dos cursos de produção de texto “on-line” oferecidos na internet.

Uma outra justificativa para o desenvolvimento deste trabalho é a “Portaria do MEC nº 2.253”. Essa portaria permite dois tipos de situações, quais sejam: 20% da carga-horária de uma disciplina podem ser ministrados a distância, via tecnologias educacionais; 20% da quantidade de disciplinas que compõem a carga-horária total de um curso podem ser ministrados a distância, também por meio de tecnologias educacionais.

Enfim, propomo-nos a desenhar um curso de produção textual “on-line” – capítulo 6 – ancorado em práticas de linguagem voltadas para o letramento e para a construção de conhecimento em comunidades de prática, já que vemos a produção de textos como algo situado no processo interacional, e a cognição como a outra face da linguagem.